

NÃO ACEITE O RÓTULO

Libertação da humilhação social.



Não aceite o rótulo

Lúcia sabe trabalhar, cuidar e encontrar saídas para muitos problemas. Mas um aviso da escola a faz esconder uma dúvida por vergonha. Quando decide pedir ajuda, começa uma caminhada que passa por palavras, números, perguntas e descobertas que cabem na vida de todos os dias.

Com histórias, diálogos e exercícios simples, este livro convida você a reconhecer o que precisa aprender e construir seus próximos passos. Sem desprezar sua experiência. Sem medir seu valor pela renda ou pelo diploma. Há coisas que você ainda não sabe. Há caminhos que pode começar a conhecer.

Bookra • Livro 38 • Edição digital em português do Brasil.

Narrativa educativa de ficção. Personagens, diálogos e situações foram criados para esta obra. Valores usados nos exercícios são exemplos, não preços de referência. A imagem de capa é uma ilustração gerada por IA.

Dedicatória

A quem já guardou uma pergunta por medo de uma risada.

Que encontre escuta, conhecimento e espaço para continuar.

Sumário

Prévia: introdução e dois primeiros capítulos.

Introdução · Um lugar para começar	4
01 O papel que Lúcia escondeu	6
02 O degrau que faltava	12

Um lugar para começar

Talvez você já tenha lido uma página inteira e, no fim, percebido que não sabia dizer o que ela queria explicar. Talvez tenha concordado com alguém só para não mostrar uma dúvida. Este livro começa perto dessas situações. Não supõe que toda pessoa com pouco dinheiro tenha dificuldade para aprender, nem que uma dificuldade revele tudo sobre quem a enfrenta. Fala com quem deseja entender melhor as coisas e ganhar mais liberdade para agir. Você vai acompanhar Lúcia, uma mulher que trabalha, cuida da filha e carrega conhecimentos aprendidos na vida. Também carrega lacunas, isto é, partes do estudo que ficaram faltando. Sua caminhada começa quando essas partes deixam de ser motivo para esconder o rosto e passam a ser perguntas que podem encontrar caminhos de resposta.

As pessoas desta história são inventadas. As dificuldades que aparecem nela, porém, podem lembrar experiências conhecidas. Haverá vergonha, curiosidade, tentativas, erros, ajuda e obstáculos que não desaparecem só porque alguém decidiu estudar. O livro não dirá que você possui uma deficiência, nem prometerá curar uma condição com pensamento positivo. Algumas pessoas precisam de apoio especializado ou de formas diferentes de aprender. Outras tiveram o estudo interrompido, receberam explicações ruins ou vivem com pouco tempo e muito cansaço. As causas podem se misturar. Aqui, o convite é olhar para tarefas concretas: o

que você já entende, o que ainda confunde e qual ajuda pode fazer diferença. Reconhecer uma necessidade de aprendizagem é diferente de aceitar uma palavra que diminui sua vida inteira.

Você encontrará conversas, exercícios e desenhos para visualizar ideias. Não é preciso ler depressa. Os parágrafos são longos, mas você pode parar em qualquer ponto final, marcar onde ficou e continuar depois. Pode ler em voz alta ou pedir companhia. Se uma palavra atrapalhar, procure uma explicação. Não pule por vergonha, nem enfrente uma página quando o corpo pedir descanso. Este livro é um começo, não substitui os estudos de que você pode precisar. Vamos praticar leitura, contas, avaliação de informações e planejamento. A intenção é que consiga escolher uma ação própria e buscar os conhecimentos necessários para levá-la adiante.

Melhorar de vida é um desejo legítimo. Renda, descanso, cultura, estudo e respeito não deveriam depender da família em que alguém nasceu. Nenhum livro, porém, garante uma mudança de posição social. Existem barreiras que exigem oportunidades, políticas e ação coletiva. Isso não retira o valor do que você pode começar. Entender um papel, aprender uma habilidade e buscar uma escola podem abrir possibilidades, com apoio e condições adequadas. Seu valor já existe antes dos resultados. O estudo amplia seu alcance; não é uma taxa para merecer dignidade. Com essa ideia, entramos na cozinha de Lúcia, onde um aviso está prestes a sair do bolso.

O papel que Lúcia escondeu

Lúcia dobrou o aviso quatro vezes antes de guardar no bolso. Não era dinheiro, receita de bolo nem carta de amor. Era um papel da escola de Bia, sua filha de quatorze anos. Ela reconhecia quase todas as palavras, mas não conseguia dizer o que precisava fazer. Havia uma data no começo, outra no fim e uma expressão que parecia um portão fechado: atualização cadastral. Na fila da saída, uma mulher perguntou se ela havia entendido. Lúcia respondeu que sim. Disse depressa, com a cabeça, aquele sim que a gente usa quando quer sumir. Depois caminhou para casa pensando no papel. Tinha trinta e nove anos, trabalhava com limpeza e conhecia bem o peso de um balde cheio. O peso de uma pergunta escondida era outro. Não marcava a mão. Ficava apertando por dentro, mesmo depois que o trabalho acabava e os pés finalmente encontravam uma cadeira.

Ela já tinha ouvido coisas que ninguém deveria ouvir. Uma vez, ao perguntar sobre uma ficha, um homem soltou uma risada e disse: “Você não estudou, não?” Nem explicou a ficha. Em outra ocasião, alguém falou com ela como se estivesse brigando com uma criança. Lúcia começou a juntar essas cenas sem perceber. Era como guardar pequenas pedras no bolso: uma parecia suportável; muitas mudavam seu jeito de andar. Passou a entregar papéis a outras pessoas antes de tentar ler.

Quando precisava preencher alguma coisa, fingia ter esquecido os óculos, embora nem usasse óculos. Aquilo a protegia de uma risada naquele momento, mas também a afastava da chance de aprender. Naquela tarde, parada diante do portão de casa, pensou que talvez houvesse nascido para depender dos outros. O pensamento veio com a voz de quem já a havia diminuído. Só que, de tanto escutá-lo, ela começava a achar que a voz era sua.

Bia encontrou o aviso na mesa, perto de um prato com duas bananas. “Mãe, você vai amanhã?” Lúcia respondeu que ia, embora não soubesse aonde. A menina olhou o papel: “Amanhã começa o prazo. A reunião é só na outra semana.” Lúcia sentiu o rosto esquentar. Quase disse que estava apenas distraída. Dessa vez, ficou quieta por alguns segundos e contou: “Eu li, mas misturei as datas.” Bia puxou uma cadeira. Não deu risada. Leu uma frase, parou e mostrou onde começava a outra. Elas descobriram que uma data era para entregar informações e a outra era para conversar com a escola. O aviso continuava sendo o mesmo papel. Mas agora havia duas pessoas olhando para ele, em vez de uma pessoa tentando esconder seu medo. Lúcia não virou uma grande leitora naquela cozinha. Fez algo menor e, para ela, muito difícil: falou a verdade sobre uma dúvida.

No sábado, levou o papel à pequena biblioteca comunitária do bairro. A sala funcionava nos fundos da associação de moradores e tinha estantes diferentes umas das outras, montadas com doações. Rosa, que cuidava dos livros e organizava rodas de leitura, conhecia Lúcia de vista. “Quer um livro fácil”, Lúcia pediu, baixinho. “Sobre o quê?”, Rosa perguntou. Aquela pergunta a pegou desprevenida. Ela esperava ouvir uma

opinião sobre sua capacidade. Em vez disso, alguém queria saber do seu interesse. Disse que gostava de histórias de gente comum. Depois acrescentou: “Eu sou meio burra para essas coisas.” Rosa não tentou consertar uma vida com um elogio apressado. Apontou uma cadeira e perguntou: “Que coisa fica difícil?” Lúcia mostrou o aviso. Pela primeira vez, a conversa deixou de tratar de uma pessoa inteira como se fosse um problema. Passou a tratar de duas datas, uma expressão desconhecida e um pedido escrito de modo confuso.

Rosa trouxe da mesa um pote de vidro com a palavra CAFÉ numa etiqueta. Dentro havia botões. “Se eu escrever feijão aqui, o que muda dentro?” Lúcia sorriu: “Nada. Vai continuar cheio de botão.” “Um rótulo pode falar uma coisa errada sobre um pote”, Rosa disse. “Sobre uma pessoa, também.” Lúcia girou o vidro entre as mãos. A comparação era simples, mas havia uma diferença que ela não queria esconder. “Só que eu realmente não entendo muita coisa.” Rosa concordou: “Então vamos descobrir quais coisas. Se faltar aprender a separar datas, a gente trabalha isso. A palavra burra não mostra por onde começar.” Lúcia ficou olhando os botões. Uns serviam para camisa, outros para casaco. Nenhum precisava virar café para provar que tinha valor. Ela podia reconhecer uma dificuldade sem aceitar que uma palavra cruel resumisse tudo o que era. Essa ideia não apagou as lembranças ruins. Abriu um pequeno espaço entre a lembrança e aquilo que ela faria depois.

Talvez você também conheça esse aperto. Pode ser diante de um formulário, de uma conta ou de alguém falando palavras difíceis. Antes de continuar, vale fazer uma separação cuidadosa. Não entender um texto é uma

dificuldade concreta. Ser tratado com desprezo é uma injustiça. Uma coisa não dá licença para a outra. Você pode precisar aprender algo e merecer respeito ao mesmo tempo. Não precisa primeiro passar numa prova para depois ser ouvido. Também não é a falta de dinheiro que diz quanto uma pessoa consegue aprender. Há gente com dinheiro que acredita em qualquer conversa. Há gente com pouco estudo que guarda saberes enormes sobre trabalho, cuidado, plantas, consertos e convivência. Esses saberes não resolvem todas as tarefas do mundo, mas são reais. O começo desta caminhada não é jogar sua vida fora. É perceber o que ela já lhe ensinou e o que ainda faz falta para você escolher com mais clareza.

Lúcia tinha saído da escola cedo, numa época em que sua família precisava de dinheiro e de alguém para cuidar dos menores. Anos depois, ouviu que quem quisesse de verdade arranjar um jeito. Ela sabia que aquela frase deixava muita coisa de fora. Não dizia quem ficaria com as crianças, quem pagaria a passagem nem como estudar depois de um dia pesado. Mesmo assim, pensar só no que lhe havia faltado também não ensinava a entender o aviso. Rosa escutou sua história e perguntou que ajuda seria possível agora. Havia uma roda de leitura aos sábados. Os livros podiam ser emprestados. O horário não servia sempre, mas servia algumas vezes. Não era uma solução para toda a desigualdade do bairro. Era um recurso ao alcance naquela semana. Lúcia percebeu que podia exigir condições melhores e aproveitar uma ajuda existente. As duas atitudes cabiam na mesma pessoa. Nenhuma obrigava a dizer que o passado tinha sido justo.

Em casa, pegou uma folha usada de um lado. No verso escreveu duas frases: “Sei fazer” e “Quero aprender”. Debaixo da primeira, colocou que sabia organizar a limpeza de uma casa, cozinhar para mais gente quando aparecia visita e perceber quando Bia estava triste. Debaixo da segunda, anotou que queria entender avisos sem precisar fingir, conferir valores e conversar sem se perder quando alguém falasse rápido. A letra saiu torta. Uma palavra ficou sem uma letra, e ela corrigiu por cima. Não era uma folha para exibir. Era um retrato de trabalho, como a lista de peças que faltam numa bicicleta. Se você quiser experimentar, pode usar papel, falar em voz alta ou pedir que alguém escreva suas palavras. Escolha uma coisa que já faz e uma tarefa específica que quer aprender. “Não presto” não é tarefa. “Quero entender o aviso da escola” é. Uma pode prender você no lugar; a outra permite escolher um primeiro passo.

Na segunda-feira, Lúcia foi à escola com o papel aberto. Ainda ficou nervosa. A pessoa no atendimento estava ocupada e respondeu depressa. Antes, ela teria concordado para sair logo. Agora, apontou uma linha: “Aqui eu entendi que preciso atualizar as informações. Onde faço isso?” Recebeu a indicação de uma sala. Foi até lá e perguntou quais dados faltavam. Uma parte resolveu naquele dia; outra teria de trazer de casa. Não houve aplauso, música nem mudança de salário. Houve uma tarefa compreendida. Ao voltar, contou a Bia que tinha feito duas perguntas. A menina perguntou se tinham sido difíceis. “A primeira foi mais”, Lúcia respondeu. Depois riram porque ela havia levado uma caneta que não escrevia e precisara pedir outra. A

caminhada real tinha dessas coisas pequenas. Uma pessoa podia dar um passo corajoso com uma caneta estragada no bolso. Não precisava esperar que tudo estivesse bonito para começar.

Naquela noite, o aviso ficou preso na geladeira, com as duas datas marcadas de maneira diferente. Lúcia olhou para ele antes de apagar a luz. Já não via uma prova de que era inferior. Via um texto que tinha conseguido entender com ajuda e perguntas. A mudança era pequena o bastante para caber numa cozinha e grande o bastante para mexer numa certeza antiga. Ela não sabia tudo o que precisaria aprender. Nem sabia por que alguns textos pareciam tão difíceis. Mas agora tinha uma pergunta melhor do que “o que há de errado comigo?”. Queria saber: “Qual parte está faltando para eu conseguir?” Guardou sua folha de saberes e dificuldades dentro de um caderno antigo de Bia. Na primeira página limpa escreveu o próprio nome. Não colocou nenhuma promessa grandiosa embaixo. Deixou espaço. No sábado seguinte, levaria aquele caderno à biblioteca para procurar o ponto exato onde seu caminho de leitura estava interrompido.

O degrau que faltava

No sábado seguinte, Lúcia chegou à biblioteca com o caderno debaixo do braço. Queria aproveitar a coragem antes que ela sumisse. Rosa separou uma pequena notícia sobre a praça do bairro. Lúcia leu em voz alta, tropeçando só em duas palavras. No fim, Rosa perguntou o que ia mudar na praça. Ela voltou os olhos para o papel. Lembrava de bancos, árvores, moradores e prefeitura, mas não sabia juntar as partes. “Viu?”, disse, empurrando a folha. “Eu leio e não guardo.” Rosa pediu que escolhesse apenas a primeira frase. Nela estava escrito que os moradores pediam mais bancos. Lúcia explicou aquela frase sem dificuldade. As duas perceberam que reconhecer as palavras estava mais fácil do que acompanhar várias informações juntas. Isso era uma pista, não uma sentença. Em vez de tentar resolver a leitura inteira de uma vez, podiam trabalhar o caminho entre uma frase e a seguinte. O problema começava a ter um tamanho que cabia sobre a mesa.

Perto da biblioteca, Davi consertava bicicletas numa garagem. Na volta, Lúcia contou que conseguia ler palavras, mas se perdia num texto maior. Davi virou uma bicicleta de rodas para cima e mexeu nos pedais. A corrente estava fora do lugar. “Quando isso acontece, adianta eu pedalar mais forte?”, perguntou. “Vai cansar à toa”, ela respondeu. “Primeiro tenho que ver onde soltou.” Ele recolocou a corrente e mostrou o movimento chegando à roda. Não estava dizendo que uma pessoa era

uma máquina. Estava mostrando o valor de procurar uma ligação que falta. Lúcia já tinha tentado vencer textos difíceis na força, lendo a mesma página até sentir raiva. Talvez precisasse de algo diferente de insistir do mesmo jeito. Podia olhar uma palavra, entender uma frase, juntar duas ideias e só depois enfrentar uma página. Força continuava sendo útil, mas precisava encontrar um caminho. Sem isso, o cansaço parecia prova de incapacidade, quando também podia ser sinal de uma tentativa mal ajustada.

Rosa propôs que Lúcia observasse três situações durante a semana. Uma em que conseguisse entender sozinha, outra em que precisasse de uma pequena ajuda e uma terceira em que não soubesse por onde começar. Não havia nota, tempo marcado nem comparação com Bia. Lúcia escolheu uma lista de compras, o aviso da escola e um trecho de um livro cheio de palavras desconhecidas. A lista era tranquila. O aviso exigia separar pedidos e datas. O livro estava distante demais naquele momento. Ela anotou isso e sentiu uma surpresa: não tinha dificuldade igual em tudo. O nome enorme que vinha dando a si mesma escondia diferenças importantes. Era como dizer que uma casa inteira estava escura sem perceber que havia uma lâmpada queimada num cômodo e a janela fechada em outro. Para aprender, essas diferenças interessavam. Mostravam o que podia fazer sozinha, onde uma ajuda bastava e qual desafio seria melhor deixar para depois de construir uma base.

Você pode observar uma tarefa do mesmo modo. Escolha algo pequeno e real, sem transformar o momento numa prova do seu valor. Se for um texto, pergunte em que ponto se perde. É numa palavra? Numa frase

comprida? Na ligação entre os assuntos? Consegue contar a ideia, mas esquece um detalhe? Cada resposta sugere uma ajuda diferente. Talvez seja procurar o sentido de uma palavra, dividir a frase, fazer um desenho ou voltar a uma informação. Essa observação não descobre sozinha a causa de toda dificuldade. Um livro não pode dizer se alguém tem um transtorno de aprendizagem ou outra condição. Se aprender continua muito difícil, mesmo com explicações e prática adequadas, buscar um professor e, quando necessário, um serviço de saúde pode ajudar a entender o que acontece. Receber apoio ou precisar de adaptações não diminui ninguém. Às vezes, a mudança começa quando a pessoa para de tentar carregar sozinha um peso que pode ser dividido.

Na terça-feira, Lúcia contou a uma conhecida que estava retomando a leitura. A mulher respondeu: “Depois de velha, ninguém muda.” Lúcia teve vontade de guardar o caderno. Aquela frase parecia certa porque era dita com muita certeza. Mais tarde, viu a mesma mulher aprendendo a usar uma função nova no celular com a ajuda do neto. A cena não provava que todo aprendizado fosse fácil. Mostrava que a frase era grande demais para a vida real. Lúcia também aprendeu, já adulta, a pegar um ônibus diferente quando mudou de trabalho e a usar um equipamento de limpeza que não conhecia. Ler melhor exigiria outro tipo de prática e talvez mais apoio, mas não precisava ser considerado impossível antes da tentativa. Ela anotou no caderno uma pergunta que começava a gostar de fazer: “Como sabemos disso?” Algumas ideias sobre nossa vida entram sem bater. Vale olhar de onde vieram antes de lhes entregar uma chave.

Em outro encontro, Rosa colocou sobre a mesa um desenho de três ruas. Pediu que Lúcia mostrasse como ir da biblioteca à feira. Ela explicou com facilidade, usando a padaria como ponto de referência. Depois recebeu o mesmo caminho escrito num parágrafo e se atrapalhou. “Eu sei ir, mas aqui parece outro lugar”, comentou. As duas ligaram as frases ao desenho, uma por vez. A rua escrita foi encontrando a rua conhecida. Foi assim que Lúcia percebeu uma possibilidade: usar o que já sabia para entender o que ainda não sabia. Uma receita podia ajudar com ordem e quantidade. Um trajeto podia ajudar com instruções. A organização do trabalho podia ajudar a dividir uma tarefa grande. Sua experiência não substituíam novos estudos, mas oferecia pontos de apoio. Ninguém precisava arrancar o chão antigo antes de construir mais um cômodo. Era possível examinar a base, reforçar o que faltava e aproveitar o que já sustentava a casa.

Havia, porém, uma armadilha que Davi conhecia bem. Ele consertava bicicletas havia anos e dizia que não precisava aprender sobre modelos novos. Certa manhã, demorou a resolver um defeito porque insistiu numa solução antiga. Quando outro mecânico explicou a diferença de uma peça, Davi resmungou, depois escutou. À tarde, contou o caso a Lúcia. “O que eu sabia virou uma venda nos meus olhos”, disse. Não era preciso ter pouco estudo para cair nisso. Às vezes, justamente uma habilidade conhecida faz a pessoa achar que sabe o restante. Existe um círculo difícil aí: falta conhecimento para perceber o que falta conhecer. A saída pode começar com um resultado que não combina com a nossa certeza, com uma pergunta ou com alguém mostrando outra possibilidade. Aceitar olhar não é concordar com

qualquer pessoa. É permitir que a realidade ensine alguma coisa antes que a vontade de ter razão feche a conversa.

Lúcia decidiu aprender primeiro a entender recados curtos. Não escolheu isso porque fosse seu único sonho. Escolheu porque fazia falta e porque um começo possível ajudaria a sustentar os próximos. Queria conseguir ler um aviso, explicar seu pedido e localizar data e lugar. Rosa ajudou a separar textos adequados. Eram assuntos de adultos, escritos de modo simples. Não havia necessidade de tratar Lúcia como criança para tornar a leitura mais clara. Ela combinou consigo mesma que faria tentativas curtas em três dias da semana, no horário que conseguisse. Ainda não sabia qual horário funcionaria melhor. Tinha apenas um plano para experimentar. Ao escolher uma meta assim, você também pode dizer o que espera conseguir fazer. “Quero ficar inteligente” é um desejo sem medida clara. “Quero entender este recado e explicar com minhas palavras” permite verificar uma mudança. E, quando a tarefa estiver mais firme, permite escolher um desafio um pouco maior.

Na primeira tentativa em casa, Lúcia leu um comunicado fictício que Rosa havia escrito para o exercício. Entendeu a hora de um encontro, mas trocou o local de inscrição pelo local da atividade. Bia percebeu a troca. Lúcia sentiu a antiga vontade de dizer que nunca aprenderia. Em vez disso, desenhou duas casinhas na margem. Numa escreveu “inscrição”; na outra, “atividade”. Leu de novo. Agora conseguia explicar por que existiam dois endereços. O erro não tinha sido agradável. Também não precisava virar uma ferida nova. Ele havia mostrado uma distinção que ainda não estava

clara. As duas inventaram outro aviso, com outros lugares, para ver se Lúcia entendia sem copiar a resposta anterior. Ela conseguiu. Depois guardou a folha que tinha errado. Não por gostar do erro, mas porque ali estava visível o trabalho realizado. Havia mais verdade naquele papel corrigido do que numa página bonita que alguém preenchesse em seu lugar.

Ao fim da semana, Lúcia tinha três folhas, algumas palavras circuladas e uma descoberta: sua dificuldade não era uma parede lisa e infinita. Havia partes. Algumas estavam firmes; outras precisavam de atenção. Isso mudava a pergunta sobre o esforço. Em vez de se cobrar mais força em qualquer direção, podia escolher onde praticar, observar o resultado e procurar ajuda no ponto certo. Ainda haveria dias em que entenderia menos. Cansaço, preocupação e textos mal escritos continuariam existindo. Mesmo assim, ela já tinha começado a reconhecer o terreno. No sábado, devolveu a pequena notícia da praça e pediu outra. Rosa trouxe um recado sobre o empréstimo de livros. Lúcia puxou o caderno e colocou o dedo sob a primeira linha. Não tentaria engolir a página inteira. Queria descobrir como as palavras se davam as mãos para formar uma ideia, e como uma ideia podia chegar até ela sem se perder no caminho.